



# TRINITY A Livre

À  
Biblioteca Pública de

Braga

20  
MAIO  
1961

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — AMARES

## A explicação de Portugal

### Como se realizou este «impossível»

O Dr. Tomás Ribeiro Colaço está longe de ser partidário da actual situação política. Pelo contrário, é seu tenaz adversário. Mas não confunde as suas opiniões políticas e as suas opiniões patrióticas. Muitos dos seus correligionários ou rejubilam com os ataques a Portugal ou se calam — e quem cala consente. Não assim Tomás Ribeiro Colaço, que desde o início tomou vigorosa posição contra os inimigos de Portugal. No «Diário Carioca», do Rio de Janeiro, publicou duas interessantes cartas a Adlai Stevenson. Reproduzimos a segunda:

O meu amigo sabe o que é o impossível? É aquilo que não se pode realizar, e que conserva o mesmo nome depois de realizado.

Estas cartas que lhe explicam Portugal têm de ensinar-lhe — para o Adlai ter cuida-

do — que ele é o país do impossível.

Não quero estadejar amolações da História. Napoleão determinou que em todas as escolas militares fosse ensinada a História de Portugal; era essencial ao que ele queria fazer no Mundo. O meu amigo sente-se pouco napoleónico, provavelmente; mas olhe que a O. N. U. precisa de um certo napoleonismo, ainda que seja apenas o do génio político e o do Código Civil, evitando Austerlitz. Vou dar-lhe apenas algumas balas de pitoresco:

— Era uma vez um pequeno Condado com quatro gatos, um Castelo e um nome esquisito: — «Portucalense». Um bruto Príncipe, que poderia ser campeão de boxe, cismou fazer daquilo um reino independente. Era impossível. A Norte e a Leste havia grandes Estados cristãos, e até uma forte rainha chamada Dona Urraca, prontos a comerem o Condado ao jantar. Para o

Sul havia o tremendo Império Mouru, pronto a comer o Condado ao almoço, e do lado dos Estados Unidos não vinha nada de bom. Eles tardariam ainda 700 anos em aparecer e existia só o mar, povoado de monstros que, por não existirem, infundiam terror. Pegar nos quatro gatos, no castelo, contratar intensamente a Dona Urraca, e fazer daquilo um reino, era impossível. Mas o campeão de boxe fiava-se mais na teimosia que na coerência. E o seu reino impossível é hoje o mais velho do Mundo, como lhe contei.

— A seguir, foi uma colecção de maluqueiras. Apareceu uma senhora bonita que sabia mudar o pão em rosas, enquanto o marido plantava navios em montes de areia. Veio um apaixonado e coroou a mulher amada; mas como isso era afinal frequente — para coroá-la, impossivelmente ele foi buscá-la ao caixão onde dormia um sono, em geral eterno. Pouco depois, o filho bastardo de uma camponesa achou que devia ser Rei, como o pai; comandou uma batalha onde os contrários, que eram seis contra um, já usavam canhões que ele não possuía (não foram comprados á General Motors). Tinha um condestável que quando a coisa ficava preta se escondia atrás de uma colina a rezar um Padre Nosso. E a sua «Divisão Panzer» era uma «Ala de Namorados». Já pensou no que eles sofreriam, tendo de pôr de lado as noivas bonitas e correr a conquistar

Continua na 2.ª página

Continua na 5.ª página

## Foram empossados

### o presidente e o vice-presidente da Câmara Municipal de Vila Verde

O Concelho de Vila Verde em peso e com ele muitas pessoas de Amares, Braga, Vieira e Póvoa de Lanhoso assistiram, na terça-feira, à posse dos novos presidente e vice-presidente da Câmara Municipal de Vila Verde, respectivamente srs. Adérito Manuel Martins Barreto e António Domingues Vaz.

O luzido acto realizou-se no gabinete do chefe do distrito e a ele presidiu o sr. dr. António Abranches, estando presentes, entre muitas outras individualidades, todos os vereadores e conselheiros municipais daquele concelho, dr. António Ferreira, antigo presidente do Município, padre Alosio de Sousa, padre Elísio de Araújo, director do Colégio D. Diogo de Sousa, dr. Bernardo de Brito Ferreira, cônego Domingos Peixoto da Costa e Silva, arcipreste e numerosos párocos do concelho, dr. José Catalão, padre José Dias e eng.º Pinto de Oliveira, respectivamente, pre-

sidentes das Câmaras Municipais de Terras de Bouro, da Póvoa de Lanhoso e de Vila Nova de Famalicão, Padre Albino José Fernandes Alves e Paulo Barbosa de Macedo,

## Festas de Santo António e do Concelho em Amares

### PROGRAMA GERAL

Já não falta um mês, para a nossa Feira-Nova viver mais uns dias de grande tornam o ambiente bastante agradável, mas também o permanente ruído das diver-



feita, de devoção pelo Santo Taumaturgo e de alegria constante. Não é sómente o barulho dos forasteiros que

sões aí instaladas, o estrondo dos foguetes, os toques e danças dos Zés-Pereiras, etc. etc.

Os festejos têm início no dia 10 do próximo mês (Feriado), que, ao romper de aurora, uma salva de 21 tiros servirá para abrir as grandes Festas a Santo António do ano de 1961. As 16 horas, — Grande corrida em circuito, para Bicicletas Motorizadas. Durante a tarde, os Ranchos Folclóricos exhibir-se-ão em estrado apropriado até altas horas da noite. De tarde e á noite, uma banda de música actuará com todo o seu extenso repertório. Com início ás 22 horas, haverá a «Grande verbena de Santo António» no quartel dos Bombeiros Voluntários e parada anexa, que contará com um categorizado con-

## ROMANCE OU NOVELA?

(Continuação do número 276)

Após este diálogo saíram todos três do quarto de Natália e encaminharam-se para o jardim onde já se encontrava Cecília a executar uns ligeiros trabalhos de costura, sob o amparo da sombra de uma acácia ali existente há longos anos.

Ao vê-los ergueu a cabeça e num amável bom dia enlaçou a prima com o olhar e erguendo-se beijou os pais, esperando que se sentassem junto de si. Natália assim o

fêz mas aqueles pretextando afazeres e a necessidade de vigiar os trabalhadores afastaram-se. Cecília estava graciosa. Vestia uma blusa branca de virados largos e no pescoço um colar de pérolas falsas, mas que lhe faziam realçar o pescoço alto branco como alabastro. A saia bastante curta e muito cingida deixava adivinhar as formas perfeitas do corpo. As pernas cruzadas uma sobre a outra bem torneadas e nuas

baloçava-as segurando nos pés pequenos umas chinelas de cor azul celeste.

Primorosamente penteada, algumas madeixas de cabelo castanho caíam sobre as fontes, fazendo sobressair no rosto as faces rosadas.

Ao sorrir os dentes de rara brancura pareciam uma verdadeira feira de pérolas. Os lábios finos, o nariz afilado e sensual, a testa alta

Continua na 5.ª página

Continua na 4.ª página

# Corpo e Alma de Portugal

(De Alves Pinheiro)

Com a devida vénia, transcrevemos o artigo publicado no *Jornal «O Globo» do Rio de Janeiro, de 11-4-61, cujo recorte foi gentilmente cedido pelo nosso assinante e conterrâneo, Sr. Armando de Macedo Martins.*

EM AGOSTO do ano passado, atendendo a honroso convite do Governo português, parti do Rio de Janeiro para Lisboa a fim de fazer a cobertura jornalística das imponentes e grandiosas Comemorações Henriquinas. Eis que realizava um velho sonho da juventude: conhecer pessoalmente Portugal. Um desejo sentimental e efetuoso assim como do neto que quer ver o avô, ou do filho que vai descobrir o próprio pai. Foi a viagem da minha grande emoção. Não se diluira jamais da minha retina a visão de Lisboa, do alto do avião, a descida em Portela do Sacavém, a chegada à Avenida da Liberdade. Foi um misto de gratas sensações: parecia-me estar a rever a velha e incomparável Metrópole, como se já a tivesse visto e acariciado desde a infância e, todavia, que surpresa inesquecível, revendo-a assim, tão bela, tão florida, tão moderna, apesar de todos os seus séculos e vicissitudes. Dentro da majestosa cosmópole das sete colinas monumentais, conciliavam-se, na harmonia dos deliciosos contrastes, várias épocas e civilizações. Lá estavam Alfama, essa Alfama, toda ela como uma avózinha, vinda do fundo dos tempos, emergindo dos próprios séculos, branquinha nas noites enluaradas, embalada ao som das guitarras, suspirando pertinho do céu; Mouraria, lembrando o fado, a Severa, velhas histórias de amor e de pecado; Madragoa, das varinas e das cachopas fauceiras, de uma beleza sem retoques; os jerónimos, uma epopeia arquitetónica, uma das maravilhas da arte sacra na Terra; altaneira a Torre de Belém e com ela, a lembrança das caravelas que partiam para os descobrimentos, para alargar os mares e engrandecer os mundos, para a descoberta destes Brasis, filhos diletos de Portugal; e logo, a Baixa Pombalina, onde se pereniza o génio do Marquês, no seu trio urbanístico, que é uma das glórias de Lisboa — as ruas da Prata e do Ouro, ladeando a Bela Augusta, com o arco triunfal, marcas bicentenárias do grande reformador; Restelo voltada para o Tejo, jovem e, ao mesmo tempo, senhorial, uma das mais novas e elegantes artérias lisboetas; Areeiro, môça como Copacabana ou Leblon, Alvalade imensa e soberba, a policrômica e indescritível Costa do Sol. Isto era Lisboa. Revia-a, e, ao mesmo tempo a descobria com seus sete palácios históricos, que são verdadeiros museus de arte e de riqueza, seus quatorze museus de tudo, seus monumentos empol-

gantes como o dos Restauradores e o do Marquês de Pombal; suas fontes luminosas; suas cataratas artificiais, seus jardins, suas maravilhosas tapadas, seus parques sem igual como o Eduardo VII; a limpidez dos céus, a suavidade do clima, a infinita e envolvente ternura das pessoas e das coisas. Lisboa antiga, Lisboa moderna, Lisboa única, Lisboa eterna!

\* \* \*

Iniciadas as Comemorações Henriquinas foi aquela sequência de consagrações. Governo e povo fundidos num entusiasmo que ia ao delírio, uma sucessão de episódios fulgurantes, marcados de profunda emoção, as efusões da alma portuguesa, o corpo e a alma de Portugal tocados de um «frisson» apoteótico, duas nações e dois povos confundindo-se e abraçando-se, chorando de alegria, irmãos deslumbrados num encontro histórico.

Não poderei esquecer jamais as jornadas de Coimbra e do Porto, diante daquelas multidões que vibravam intensamente, aquelas centenas de milhares de mãos que batiam palmas, de bôcas que vivavam o Brasil, de almas que se debulhavam em lágrimas de emoção. E não esquecerei, também, a exclamação do Presidente Américo Tomás, contagiado daquele entusiasmo delirante: «O Porto enlouqueceu; mas o Porto louco nunca teve tanto juízo como hoje, glorificando o Brasil e seu Presidente».

\* \* \*

Depois eu deveria regressar. Não tive, porém coragem. Lisboa e todo o Portugal me prendiam docemente em seus tentáculos irresistíveis. E então sai a percorrer as aldeias do Alentejo, as vilas, as cidades, os campos e as paisagens do Norte; os templos, como o Mosteiro da Batalha e o espectacular Mosteiro de Alcobaça, o maior do mundo; a catedral milenar de Évora, a Sé eterna de Braga; os castelos torreados no alto de cada morro; o palácio ducal onde nasceu a dinastia bragantina e se recompôs o império luso; Guimarães, o berço da Pátria, entre suas negras e estreitas ruas medievais, seus templos e suas fortificações que evocam o nascimento e a vida de uma nação que ali amanhecia para a glória; Guimarães, toda ela, um santuário onde as emoções rebentam em lágrimas; Guimarães, berço do nosso berço, como Portugal é a Pátria da nossa Pátria!

\* \* \*

Ninguém, porém, se iluda. Portugal não dorme sobre os louros. Não vive, apenas, do passado, do culto de seus heróis, de seus mártires e de seus santos; de evocar suas glórias. Mas bendito o povo e a nação que, como êle, podem orgu-

lhar-se do pretérito e inspirar-se no heroísmo, nas epopeias e na imortalidade dos seus génios. Portugal, porém, não parou. Está sempre marchando para novas conquistas. E ei-lo rémoçando, rejuvenescendo-se nos mais arrojadados empreendimentos, como as represas ciclópicas, a triplicação do famoso pôrto de Leixões, a nova ponte do Porto, uma obra fantástica, a grande sederúrgica em Extremadura, daqui a pouco, a ponte monumental sobre o Tejo, no género, a maior do mundo e, talvez, a mais audaciosa iniciativa da nossa época, a excelente indústria automobilística, a naval e a ferroviária, as largas estradas que parecem feitas para a eternidade, o gigantesco programa de realizações que caracterizam o progresso de Angola e demais províncias do Ultramar, as novas cidades que surgem ao lado das cidades seculares e milenares. Desde Braga a Évora, ao redor do antigo, do sagrado e intocável, surge o moderno, o moderníssimo. A Nação acompanha o progresso. Integra-se no ritmo dos tempos atuais, engana-se quem pensar que Portugal parou ou vai parar. É um país em permanente reconstrução e engrandecimento, velho e, ao mesmo tempo, môço; de ontem e de hoje, de hoje e de amanhã. Ilude-se e comete um erro histórico quem chama o povo português de cansado e decadente. É preciso conhecer a história e admirar a vigorosa atualidade lusa; ver nos campos e nas cidades, a força física e a força moral, a grandeza material e o esplendor espiritual de uma nação que desafia a eternidade!

\* \* \*

O convívio com a gente lusa, tão simples, tão afectuosa, tão sincera, tão fraternal, foi-me uma maravilhosa ratificação. E eu me dei conta de que estava em casa, ou, melhor, experimentei aquela enternecedora sensação de que me aconchegava na mansão avoenga, no meigo regaço solar, ouvindo cantigas de ninar, menino como há tantos anos atrás, feliz como num belo e luminoso amanhecer de vida.

Os portugueses de Portugal — porque os do Brasil ficam logo brasileiros — tem orgulho desta terra, filha de sua terra, desta gente môça e impetuosa, filha de sua gente dêste país radiante e futuroso, o filho que cresceu, venceu e brilhou, tornando-se permanente orgulho do pai. Esse orgulho é amor. E esse amor tem selo de eternidade. Nenhuma força humana o destrói. Nenhuma mágoa o perturba. Está acima dos protocolos, dos tratados, das convenções. Mergulha suas raízes e as nutre naquilo que há de mais profundo, eterno e indestrutível; a comunidade de língua, de raça, de religião e de sangue.

## FORAM EMPOSSADOS

### o Presidente e o vice-presidente da Câmara Municipal de Vila Verde

Continuação da 1.ª página)

em representação da Câmara de Amares, dr. António Guimarães, subdelegado de Saúde, dr. Lamartine Dias advogado e Conservador do Registo Predial, capitão Abel Nogueira, padre Freitas Leite, director das Oficinas de S. José de Guimarães, dr. Domingos Pereira, Abel Gama, secretário da Câmara, dr. Lucio Coelho, eng.º Alvaro Ferreira, dr. Manuel António Bragada Cruz, professor do Liceu, dr. Augusto Angelo Soares da Silva, advogado, padre Joaquim, Alves, pároco de Cabanelas, Joaquim de Jesus Dias Mota, comandante dos Bombeiros Voluntários, António Cerqueira, dr. Felicíssimo Campos, presidente da Junta Distrital, dr. Aurélio Cunha, João Barbosa de Macedo etc., etc.

Lido o auto de posse pelo sr. dr. Eugénio Bacelar Ferreira, e feito o juramento dos empossados, o sr. dr. António Abranches usou da palavra para dizer sentir-se satisfeito por ter seguido as indicações do concelho, quanto à nomeação do sr. Adérito Manuel Marques Barreto para substituir o sr. dr. António Ferreira na presidência daquela Câmara Municipal, pois verificava que ele gosa da consideração do povo, como o demonstrava a presença de tanta gente.

Constatou, disse, que aquela sucessão era conveniente e útil, pois a prática e o contacto com os vários problemas do concelho, adquiridos pelo sr. Adérito Manuel Martins Barreto na vice-presidência do Município de Vila Verde, davam-lhe certas facilidades e vantagens.

Agradeceu, também, ao sr. dr. António Ferreira, o brilho e a isenção com que exerceu o mesmo cargo durante 12 anos, dizendo que prestou ao concelho valiosos e distintos serviços nunca abandonando a sua política nacionalista de fidelidade integral a Salazar.

O chefe do Distrito fez novo apelo à união de todos os portugueses em volta da bandeira nacional.

A crise que atravessamos é das mais graves da nossa his-

Continuamos aqui, a doçura, a bravura, a crença, a cultura, a bonomia, a arte, o corpo e a alma de Portugal, Realizamos, praticamos, engrandecemos, lá e cá, a verdadeira comunidade luso-brasileira, que não se compadece de códigos e instrumentos diplomáticos. Ela brota e fecunda do sentimento de cada um de nós, em Portugal e no Brasil: É como a água, os rios, os mares, os misteriosos e insondáveis fenómenos físicos e espirituais, o mistério do que se sente e não se pode exprimir, o grande, o infinito mistério da obra de Deus.

tória, mas esloou convencido de que havemos de vencê-la. Para isso, afirmou, necessitamos de uma união perfeita, integral.

O que se passa, em Angola, requere séria meditação nos nossos actos e nas nossas atitudes.

A seguir, falou o advogado sr. dr. Aristides Couto, que aludiu também à hora grave em que se debatem os mais sagrados destinos da Pátria.

Justificou a sua presença naquele acço, não porque se tivesse operado em si qualquer mudança política no ideal republicano-democrático que sempre professou, mas porque vê na entrada do novo presidente da Câmara, uma nova era para o progresso do seu concelho.

O sr. dr. António Ferreira, presidente cessante, agradeceu as palavras do sr. governador civil e a maneira cativante como sempre o recebeu quando estavam em jogo os problemas do concelho de Vila Verde.

Terminou por saudar o seu sucessor, fazendo votos porque Deus o ajude a fazer mais e melhor.

O sr. dr. Lamartine Dias, conservador do Registo Predial, referiu-se igualmente à situação internacional e à atitude inconcebível de certos países na ONU, para afirmar que estamos na África e lá firmemos, porque a descobrimos e civilizamos, sem distinção de credos políticos ou de raças.

Saudou os novos presidente e vice-presidente da Câmara de Vila Verde e pediu a todos os habitantes do concelho que formem um só bloco em defesa dos interesses e progresso do mesmo concelho.

O novo presidente, agradeceu as palavras que lhe dirigiram e disse que a hora grave que o país atravessava, de molde a exigir mais obras e menos palavras.

Conhece os espinhos do cargo, mas também está habituado a encarar de frente os problemas que surjam e a dar-lhes a melhor solução.

Conta com o apoio do chefe do distrito e entrega-se inteiramente ao ideal do Estado Novo: Deus, Pátria e Família, que promete seguir sem desvio, colaborando assim na obra portentosa de Salazar.

Fez um apelo à união de todos e prometeu ir trabalhar a bem do progresso do concelho, exclamando: assim Deus me ajude e me acompanhe. Finalmente, o sr. António Domingues Vaz, vice-presidente, também agradeceu as referências que lhe fizeram e prometeu a mais leal colaboração ao presidente, a bem do progresso do Concelho.

Aos novos magistrados do Concelho vizinho e amigamente e oferece-lhe a leal colaboração.

# TRIBUNA do CONCELHO

## Reunião Camarária

Deliberações da Câmara Municipal

Correspondência  
Ofícios

virtude de nas férias da Páscoa ter sido partido durante a limpeza da mesma escola.

Do Engenheiro Director de Fiscalização Eléctrica do Norte, Porto, informando que quando foi vistoriado a remodelação do ramal aéreo de alta tensão que segue para o posto de transformação n.º 3, sito no lugar das Neves, da freguesia de Rendufe, deste concelho, verificou-se que embora a instalação do referido posto se apresente em razoáveis condições de segurança o quadro geral necessita de algumas melhorias, informando, ainda, que deverá providenciar no sentido de, no prazo de 60 dias, o referido quadro sofra as melhorias que se tornem necessárias e que aquela Direcção seja informada de que se lhe oferecer.

Da Santa Casa da Misericórdia do Porto, remetendo a factura da importância n.º 216/61, da importância de 380\$90, referente ao internamento e tratamento de doentes pobres no Hospital de Conde de Ferreir no mês de Março findo.

Do Hospital de São João, Porto, pedindo a guia de responsabilidade desta Câmara para a doente Maria Filomena da Silva Oliveira, de 14 anos de idade, solteira, serviçal, natural da freguesia de Prozelo, deste concelho e residente na Rua Fernandes Tomáz n.º 47: da cidade do Porto, que esteve internada naquele Hospital desde 17 a 23 de Dezembro do ano findo, e cuja as despesas com o seu internamento a Câmara daquela cidade se recusou a pagar alegando que a doente reside na morada indicada apenas há 8 meses.

O Regedor da freguesia de Prozelo informa que os pais da doente são pobres e residem naquela freguesia há muitos anos.

Da Delegação para as Obras de Construção de Escolas Primárias, Porto, remetendo as notas de liquidação n.º 25/61, de 9/61, das de 86.519\$89, e 1.919\$00, respectivamente, referentes à construção do edifício escolar do Anjo da Guarda da freguesia de Prozelo e conservação do edifício escolar de Caires.

Da Cisa, Anadia, informando o seguinte: 1.º Quanto aos impressos que lhe foram devolvidos-que ficará em nota o livro de actas modelo 6, que remeterão logo que as fábricas lhes forneçam papel com as dimensões exigidas por lei; 2.º Quanto à contabilidade-que a sua factura n.º 5079, refere-se a 10 cadernetas de guias modelo 7-Matadoro-que foram executadas expressamente para esta Câmara, com original especial que lhes foi fornecido em data posterior à dos orçamentos a que as cadernetas por aquela firma orçamentadas, referiam-se ao seu modelo 7/521, as quais foram devolvidas por não satisfazerem aos serviços desta Câmara. Informa, ainda, que a diferença verificada, resulta apenas do facto de aquelles terem de executar um modelo especial com a vantagem de levar já impresso o nome do concelho de Amares. Esclarece, também, que quanto aos impressos debitados pela sua factura n.º 4252 A, estes foram-lhe encomendados com original próprio, acompanhado de requisições a qual chegou aqueles serviços em 26 de Novembro último e portanto em data anterior à da confirmação da encomenda a que se referem os seus orçamentos n.º 5029 e 5030.

### Circulares

Do Governo Civil do Distrito de Braga, transcrevendo a circular n.º 15/61, P.º Z-1/6, L.º 27-A, 2.ª Repartição da Direcção Geral de Administração Política e Civil informando o seguinte:

1.º Que os sinistrados ao serviço do Estado, abrangidos pela Lei n.º 1942, ou pelo Decreto-Lei n.º 38.523, que sejam internados ou recebam tratamento nos Hospitais Cívicos de Lisboa devem ser submetidos a exame da Junta Médica do respectivo Ministério, para efeitos de determinação do grau de desvalorização sofrida, quando o conhecimento deste se torne necessário e aqueles Hospitais o não indiquem; 2.º Que quando a incapacidade dos sinistrados ao abrigo do Dec-Lei n.º 38.523, durar mais de um ano, devem os Serviços de harmonia com o § único do Art.º 20.º daquele diploma, promover a sua imediata submissão ao exame da Junta Médica da Caixa Geral de Aposentações para o que, mesmo antes de expirado o prazo e sempre que se presume que este venha a ser atingido deverão ser tomadas as necessárias providências; 3.º Que em resultado desse exame a Junta Médica da Caixa Geral de

(Continua no próximo número)

## Carrazedo

### Hospedes ilustres

Não nos é possível transcrever uma notícia que lemos no Jornal do Rio de Janeiro "O Mundo Português" a respeito da personalidade do comerciante Português snr. Carlos Augusto Taveira que com sua esposa D. Luzia de Castro Taveira, chegaram a esta freguesia aonde se vão domiciliar. Ela daqui natural e ele da cidade de Chaves, mostraram em terras de Santa Cruz e na cidade de Caxias o poder dinamico, inteligente e conciliador do povo luzitano. Verdadeiros embaixadores de honra e honestidade, virtudes raras pouco vulgares mas ainda chegam para que o nome dos portugueses fique gravado na história, a contar para a grandeza do nosso heroísmo. Felicitando o casal Taveira pelo prestígio disfrutado só desejamos a sua felicidade e amor á terra que tem a honra de os hospedar.

### Hospede duvidoso

Algumas praças da G. N. R. comandadas pelo senhor Briote cercaram uma casa em Rendufe para prender António Vitarais, solteiro, sem profissão. Foi a casa de sua avó em Carcavelos de Adelaide Cebola, aonde se desenrolou uma dramática cena que obrigou esses abnegados defensores da ordem a passarem uma noite em claro e a exporem as suas vidas a acção perigosa de individuos familiarizados

Continua na 4.ª página

## CARTA DE LAGO

Meu caro amigo António

Hoje começo as notícias por:

### Um casamento

Contrairam matrimónio em 6 de Maio corrente os Senhores António da Costa Ferreira e Maria de Fátima Soares Lopes, ambos de Lago, sendo êle do lugar da Veiga e ela de Santa Marta, filhos respectivamente de Feliciano Fer-

reira e Maria do Carmo da Costa e de Domingos José Lopes e Maria de Jesus Soares.

As testemunhas, Fernando Moutinho e Maria de Sousa Guimarães, são de Lordelo, Concelho de Guimarães.

### Baptizado

No dia 14 de Maio baptizou-se António Alberto de Araújo Ferreira filho dos Senhores José Teixeira Ferreira e Maria de Araújo Pereira.

Fizeram de padrinhos António Pereira de Araújo e Maria do Sameiro Dias de Magalhães, todos de Lago.

### Mês de Maria

Esta devoção tão portuguesa faz-se de manhã, às 6 horas, e de tarde às 20 horas, na igreja paroquial de Lago.

Parece que, nestas condições, toda a gente a deveria frequentar. De manhã segue-se a missa, de tarde antecede a reza do terço. A dura verdade, porém, é a maioria das pessoas livres não se aproveita desta oportunidade de santificação e reparação, embora lhe sobre o tempo para frivolidades e pecados.

Vê-se que a mensagem de Fátima não logra impressionar o grande público. O pensamento da penitência, da oração, do sacrifício... causa náuseas á maioria dos católicos.

Estou mesmo a ouvir-te dizer-me que foi muita gente a Fátima, nos dias doze e treze e eu concordo. Dizem que estiveram lá para cima de cinco centenas de milhares. Muita gente! Mas ousarei perguntar: quantos foram e vieram na graça de Deus quantos comungaram, e, destes, quantos o fizeram bem? Cem mil? Duvido. Mas ainda que comungassem cem mil pessoas isso era, quando muito, a quinta parte dos peregrinos!!

Na minha última ida a Fátima vi lá gente embriagada a dispartar. Também vi muitos peregrinos com instrumentos de pandega e muitos outros fazerem-na pelo

Continuação da 4.ª página

### SALVÉ 28-5-1961

Completa 16 risonhas primaveras a gentil menina Arminda de Jesus Almeida Ribeiro, estudante distinta da Escola Comercial filha dos bastados proprietários da Casa do Alto-Barreiros.

Pessoas amigas desejam há aniversariante votos de prosperidades.

## NASCIMENTOS

No dia 18 de Abril, Augusto Fernandes da Silva, filho de João da Silva e de Luzia Fernandes, residentes no lugar do Burgo da freguesia de Prozelo deste concelho e Emília Gonçalves Machado, filha de Domingos Fernandes Machado e de Laurinda de Jesus Gonçalves, residentes do lugar da Geira, da freguesia de Caires deste concelho.

No dia 24 Maria de Fátima Cunha Antunes, filha de José Augusto Antunes e de Aurora da Cunha, residentes no lugar da Lage, da freguesia de Ferreiros deste concelho.

No dia 26 Ana da Conceição do Vale Ferreira, filha de José Ferreira e de Carmelina Veloso do Vale, residentes no lugar da Cancela da Cruz, da Vila de Amares.

No dia 29 Maria do Céu Silva de Macedo, filha de Joaquim de Macedo e de Emília Augusto da Silva, residentes no lugar da Levada da freguesia de Prozelo deste concelho.

## ANIVERSÁRIO

Passa amanhã o seu 27.º aniversário natalício, o nosso conterrâneo e particular amigo, Snr. Armando de Macedo Martins, ausente no Rio de Janeiro.

Por tão faustosa data, seus pais e irmãos felicitam-no com um grande abraço, desejando-lhe as maiores prosperidades.

Este nosso amigo que no Brasil, exerce um cargo digno, é filho do Snr. José Manuel Martins e de Maria Lucília de Macedo, dotado duma bondade excepcional, tem contribuído com as suas dádivas para o engrandecimento dos «Leões d'A Modelar», por isso a Direcção na certeza de cumprir o seu dever, nomeia-o sócio honorário deste Grupo Desportivo e envia-lhe daqui as suas felicitações, fazendo votos por uma vida longa cheia de felicidades.



## FESTAS DE SANTO ANTÓNIO e do Concelho

junto acompanhado de variedades. Às 24 horas, será lançada a primeira grande sessão de fogo de artifício.

**Domingo dia 11** — Às 9 horas, a habitual prova de ciclismo para populares com a presença dos melhores agrupamentos na modalidade.

Às 10 horas dará entrada a banda de música «La Unión de Lantão» Pontevedra Espanha e da Polícia de Segurança Pública do Porto, que actuarão até cerca da 1 hora da madrugada. Durante a tarde e em todos os dias os divertimentos (lista de automóveis, aviões comandados, cestas voadoras, carroussel, etc.) funcionarão com a alegria e música que lhes são tão características. À noite, segunda monumental sessão de Fogo de Artifício e sessão de fogo preso no jardim.

**Segunda feira dia 12** — Grande Feira Franca e Concurso Pecuário com colaboração da Câmara Municipal e Grémio da Lavoura. Muitos prémios para os exemplares que melhor se cotarem.

A Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares, actuará durante a tarde e a noite. Exibição dum rancho folclórico que se prolongará pela noite. Será também queimado fogo de artifício.

**Terça feira dia 13** — Dia de Santo António e destinado às suas grandes solenidades. As festas são precedidas de uma novena ao Santo Taurmurgio, que terminará com confessos e comunhões.

De manhã, missa cantada e a grande instrumental. À tarde por um distinto orador será proferido o «Sermão de Santo António». Às 16 horas «Magestosa Pro-

cissão» onde se incorporam vários andores e centenas de figurados. A Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares, durante a procissão, entoará as suas mais finas músicas litúrgicas. Tomam parte nesta procissão, todas as autoridades civis e eclesiásticas do concelho. À noite, as célebres Fogueiras de Santo António e, com a colaboração dos Ranchos Folclóricos Concelhos darão o ambiente de folguêdo e de animação. Seguidamente será exibida a irregular «Serenata de Fogo Preso no Jardim».

Na madrugada, a quarta sessão de fogo de artifício encerrará os Grandes Festejos a Santo António de Amares do ano de 1961.

Neste programa ainda não estão incluídos alguns números, devido a não os termos contratado definitivamente.

No Largo estará a funcionar a barraca de caldo verde, que todos os anos tem primado todos os que a visitam.

Enfim, será uma festa de alegria sem par. Ranchos Folclóricos, Gigantones e Cabeçudos, Certame Musical Internacional, divertimentos modernos, clássica ornamentação e iluminação, Verbena e Variedades, Ciclismo, Fogo Preso e de Artifício, Feira Franca e Concurso Pecuário, Fogueiras, etc. etc., constituem um pequeno sumário de brilho que as Festas Antoninas e do Concelho — irão de certeza atingir.

As empresas de camionagem que farão carreiras durante as Festas, entre esta terra e Vila Verde, Monsul, Caldelas, Bouro e Braga.

Antunes

## Carta de Lago

Continuação da 3.ª página)

caminho, como quem vai ao São João de Braga. E etc. e tal... Quero dizer com isto que a maioria dos peregrinos de Fátima não leva o espírito sobrenatural da Mensagem que a Senhora nos trouxe. Quer dizer dos que organizam excursões a Fátima, sem um sacerdote a presidir, e fora do dia 13.

### Cães envenenados

Contaram-me que há poucos dias, apareceram dois cães de guarda mortos nas proximidades do lugar de Fonte Covas. Neste facto vejo coisas condenáveis: trazer os cães á solta, a estudar às vezes na universidade... matá-los com veneno e não nos enterar. Cães á solta e cheios de fome, não fazem coisa boa. O melhor era tê-los presos e dar-lhes de comer, ou não ter cães. Julgo que a sociedade protectora dos animais devia ser mais activa e punir todos quantos possuem animais e lhes não fornecem os alimentos necessários.

Refiro me também aos porcos, bois, cavalos, ovelhas, etc. Causa pena ver estes pobres bichos a trocar as pernas, com a fraqueza, e a levar pancadas como o centeio na debulha. Mas também á pais e maridos que fazem o mesmo aos filhos e á mulher!..

Dizem haver mulheres que se tratam lautamente e dão fome aos maridos. Será verdade?!

### Crise na lavoura

Não digo isto apenas por o míldio atacar agora as videiras.

As nossas culturas tem de ser adaptadas de modo a darem o máximo rendimento com o mínimo de despesa, e, na minha opinião, veremos em breve os proprietários das terras serem obrigados a cultivá-las por sua conta.

E por hoje, querido António, é tudo.

Dispõe do amigo de sempre: J. Moreira.

Lago, 17-5-1961

## Carrazedo

Continuação da 3.ª página)

com o crime e só se sentem bem a praticá-los com manifesto perigo para o socego social. O Governo deve tomar conta desta prenda que segundo consta, vivia em Guimarães. O Código Penal sofre de benevolências reformáveis e deve acabar com a necessidade de multiplicidade de crimes por analogia para só depois desviar os elementos perniciosos para a fresca das colonias penais ou para as celas de cadeias aonde poderão completar a sua formatura e sócios para as suas empresas.

### Panorama Concelho

Avidos de notícias, os leitores ausentes da Tribuna Livre e filhos deste Concelho devem lamentar a pobreza das notícias das suas terras e de algumas nunca se falou.

O Semanário noticioso e informativo que não pode adivinhar o que se passa fora da sua localidade e desta pouco tem dito que satisfaça integralmente os seus assinantes. Penalizado com esta situação e a título gracioso direi sempre menos hoje aquilo que merece ser conhecido e lá longe muito apreciado. Por hoje só direi que um homem baixo em altura, novo, muito vivo, muito baírrista e muito inteligente chamado João Barbosa de Macedo vai ficar ferido na sua sensibilidade vai tomar providências e dizer pelo menos que o largo da Feira Nova é varrido todas as semanas o jardim está gracioso e que uma figura da alta política do Concelho vai mandar construir um café envidraçado tipo Avenida de Braga. Já não é pouco e até breve.

TRIBUNA LIVRE  
é distribuída em Braga  
no Quiosque Central  
Largo do Barão de São  
Martinho

### Melhoramentos e progresso

Deparamos com espanto que a casa de habitação do empreiteiro sr. Eusébio Exposto sofreu grande remodelação embelezando muito o local e provando que seu proprietário não precisou de foguetão para sublimar as camadas atmosféricas. Embalado pelo engenho espiritual de seus filhos, pela capacidade de trabalho de todos, aqui temos uma organização industrial a dizer e a provar que em qualquer parte há homens grandes «grandeshomens» que se elevam aos mais altos píncaros desde que sejam conductores de capacidade e honestidade de qualidades excepcionalmente provada pelo grande homem que hoje visamos com grande satisfação.

### Ponte sobre o rio Homem

Está pronta e já está aberta ao trânsito automobilístico a ponte construída sobre o rio Homem que aproxima Amares de Vila Verde consideravelmente. Serão apenas 5 quilómetros que nos separam das sedes dos respectivos Concelhos. O mestre de Rendufe construído pelos frades Beneditinos há 600 anos beneficiou com a ponte porque se tornou de mais fácil acesso.

### Condições de Assinatura

Continente	
Ano . . . . .	50\$00
Semestre . . . . .	25\$00
Ilhas	
Avião—ano . . . . .	15\$00
Semestre . . . . .	7\$50
Barco,—ano . . . . .	6\$00
Semestre . . . . .	3\$00
Brasil	
Avião—ano . . . . .	15\$00
Semestre . . . . .	7\$50
Barco—ano . . . . .	6\$00
Semestre . . . . .	3\$00
Estrangeiro	
Avião—ano . . . . .	18\$00
Semestre . . . . .	9\$00
Barco—ano . . . . .	8\$00
Semestre . . . . .	4\$00

### \* TRIBUNA LIVRE

Vende-se em Lisboa no INCREMENTUM - Rua Santa Marta, 58-3.º onde também se recebem assinaturas e publicidade

### «A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

## D. NUNO E PORTUGAL

Valverde. Aljubarrota. Atoleiros!  
Façanhas Gloriosas, inauditas  
Da Pátria que, imolando-Te, acreditas  
Como Terra d'Heróis. de Pioneiros,

São Glórias que Te canta eternamente  
A Lusa História como passa eterno  
Galgando pela lança o denso inferno  
Das hostes traiçoeiras d'outra gente!

Tu És a Arma Forte, Omnipotente  
Que nos legastes, vinda lá dos Céus  
É que sempre exaltou a Lusa Gente!

Ó não consintas, pois, que os escarcéus  
Penetrem na Barquinha Alviniente  
Desta Pátria d'Heróis, que filhos Teus!

Gota d'Orvalho

## FOTO MODELAR

reportagens de casamento  
Baptisado e Banquetes

Fotografias tipo passe e ampliações

Telefone 62113

AMARES

Visado pela C. de Censura

# TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

## Antigo Padroado de Rendufe

cabeça ou cabeça do Seixo, sempre agoas vertentes para Villar, que fica da parte de Norte, e Bouro pela parte do Sul desta lemitação; e dahi vai a traga do Seixo, e da dita fraga, pelo meio della corta para o Norte em direitura do Campo da Bessada, pela extrema que divide a terra do mesmo campo da terra toreira ao Santíssimo de Chamoim, que possui Diogo Francisco de Felgueiras, e da outra terra da Bessada toreira a Rendufe, que possui António Afonso Truque, em cujo sítio se meteo num marco de fora da parede da Bouça da Bessada para a parte da corte de Manoel Dias Bilros, cujo marco fica com duas letras, hum C virado para Chamoim, e hum V para Villar; e deste marco corta em direitura do penedo da Cruz, que fica por baixo do penedo e estrada da Geira em cuja penedo fica huma cruz em hum lação que tem meio, e dahi corta com alguma inclinação a hum marco que fica entre as duas fragas que ficão no meio das tomadas do Carril, das quaes huma fica para Chamoim e outra para esta freguesia, que fica com as mesmas letras — um C e um V, e na traga que fica para Chamoim tem uma cruz gravada no mesmo penedo, e deste marco corta em linha recta a cancela da Portela da Quintam aonde fica hum marco com as mesmas letras, na beira da estrada publica que vai para Sequeiros, e deste marco com a volta que faz o caminho que vai para Boçaqueira e campo do Passal de Chamoim a hum marco que fica na ponte do Campo da Portela da Quintam à beira da parede do dito caminho, o qual fica logo abaixo da estrada que vai para Sequeiros; e do dito marco corto direito a outro marco que fica no segundo campo da Portela de Quintam, junto á deveza de Pirrenim, com as sobreditas letras; e dahi corta direito a outro marco atravessando o ribeiro por baixo da pontelha que dá passagem para os campos da Boçaqueira, o qual fica na leira da Vinha da Boçaqueira, ao pé e pegado no vallado de cima que possui Custódio Gonçalves da Silva, do Paço, com as sobreditas letras hum C para Chamoim e hum V para Villar, e junto da dita pontelha que atravessa este limite fica uma pequena porção de terra do campo da Boçaqueira, que é do passal de Chamoim, e assentaram entre si que nunca pagasse dizimo para Villar, assim pelo não pagar até aqui, como por ser passal, e se fazer esta lemitação a contento das partes, e pôr-se em linha recta a outro marco que fica na veiga da Boçaqueira, junto da deveza e mato que possui Custódio Gonçalves da Silva do lugar do Paço desta freguesia, encostado ao vallado de outro que possui Manoel Dias Pimenta do mesmo lugar, que fica com as sobreditas letras, e deste corta em direitura a outro marco que fica logo a baixo na terra também chamada da Boçaqueira, que é da capella que possui Domingos José da Silva e Araujo, Boticario do lugar do Outeiro desta freguesia, e Araujo, Boticario do lugar do Outeiro desta freguesia, e dahi corta em direitura a outro marco que fica no canto da leira da Cham que possui o sobredito Manoel Dias Pimenta, a qual fica por cima do Rio Homem, com as sobreditas letras, e deste corta em direitura a outro marco, que fica por baixo do rego dá deveza do Barrio, que vem da Boçaqueira, com as mesmas letras, do qual corta pela regueira que vai entrar e finalizar no Rio Homem, encostada á tomada de Castinheiros que foi de Pedro Rodrigues do lugar da Carreira de Chamoim, e atravessa o campo da Vargia pegado ao Rio, que possui Domingos Gonçalves do lugar do Outeiro desta freguesia, onde acabou a sua lemitação com a freguesia de Sant'Iago de Chamoim, em cuja freguesia se achou na presente atombação, e lemitação, que pelas informações que deram os nomes velhos de uma e outra freguesia, que os moradores desta freguesia estavam na posse de irem rossar mato as vartentes do monte do Penedo do Gato e Ganidoura, cuja declaração requereu no presente acto o Doutor António Gomes de Abreu do lugar do Outeiro desta sobredita freguesia para a todo o tempo constar, não obstante não ser pertencente a lemitação desta freguesia, e os dizimos que ela compreende. E logo feita a dita demarcação e lemitação, appareceu presente o Reverendo José Coelho da Silva Abade de Sant'Iago de Chamoim, e por ele foi dito que estava pela sobredita demarcação com o pro-feto de que se em algum tempo apparecesse titulo algum sufficientemente, por onde se mostrasse algum erro na dita demarcação, de o fazer emendar, e estando presente o Reverendo Frei Manoel de Santa Gertrudes Procurador deste Tombo, por ele foi dito que também fazia o mesmo protesto no caso de se achar que nella houve erro, pois se fizera

\* As reticências evitam escusadas repetições.

(Continua no próximo número)

## A explicação de Portugal

Continuação da 1.ª página

canhões? O bastardo da camponesa ganhou a batalha impossível, e casou com uma princesa real britânica — antepassada da Princesa Margareth. Ainda não se inventara a fotografia,

E a coisa continuou, Adlai. O reino era bonito, mas era pequeno. O pessoal achou que a solução indicada era descobrir o Mundo, e instalar-se nele. Inventou navios, inventou velas, e dois séculos depois — com caravelas a jacto — 500.000 homens válidos que nem tinham tido tempo de aprender a ler, viviam tranquilamente neste impossível: — conter na Europa um vizinho cinco vezes maior, povoar todas as ilhas do Atlântico, que havia descoberto, estar em sua casa na América, na África, na Ásia e na Oceania,

Na Índia, quando D. João de Castro precisava financiamento, empenhava as barbas. E obtinha muito. Mas isto, o meu bom Adlai acreditará facilmente; — basta-lhe pensar quanto não daria o Departamento de Estado pelas barbas de um Fidel que também é Castro.

— E a coisa continua, Adlai. E a coisa é.

Suponho que, como eu, admira a França, a sua espantosa irradiação. Diga a um francês o seguinte: — «Se vocês tivessem tomado o caso a peito, seriam povos de fala francesa os de todas as Américas, e os da Austrália, e os de metade da África». O francês dá um salto, pega em lápis e papel, diz-lhe: — «E esta a superfície da França. Esta a dos continentes que cita. A França caberia ali 105 vezes. O sr. delira impossívelmente ao admitir que uma nação se multiplicasse a si mesma por 105».

O meu amigo volta para mim olhos acusadores, pois o arrastei a dizer ao francês tamanha tolice. Pego eu no lápis, no papel. Digo-lhe: — «É esta a superfície do reino impossível. Esta, a do Brasil (90 vezes maior); Esta a de Angola e Moçambique, etc. Portugal multiplicou-se por 105, como era impossível».

E entre todos os demais, ele realizou o Direito — que é o mais perfeito impossível, e o mais necessário. Acuda á O. N. U., meu amigo. Portugal pode não ter importância nenhuma, mas quem for contra o direito de Portugal não é contra Portugal: é contra o Direito, e poderá inevitavelmente a batalha.

Não deixe a O. N. U., ser assim contra o Direito. Ensine-lhe esse impossível; mostre-lhe que ele se realiza — e como.

Se não seguir o meu conselho, acredite-me: — Adlai Stevenson terá sido uma reencarnação inglória de Dona Urraca. Transcrição do Jornal «AVOZ»

## ROMANCE OU NOVELA?

Continuação da 1.ª página

os olhos da côr dos cabelos, a estatura regular denotavam bem a origem daquela mulher de estirpe fidalga e peninsular.

A manhã de sol, o jardim florido e lindo davam a impressão de agasalharem no seu seio uma flor transformada numa fada.

Em volta zumbiam as abelhas procurando apressadamente sugar o néctar das flores e transportá-lo para as colmeias donde sairia no mez de Agosto o mel doce e rosado.

Sobre a sua cabeça pipilava esvoaçando uma avezinha que tinha construído o ninho entre os braços duma roseira e estava receosa que lho destruíssem.

Tudo era belesa e encanto.

Natália observou-a por uns momentos e não pôde conter-se que lhe não dissesse:

— Um anjo descido do paraíso sobre este jardim florido...

— Só me faltam as azas brancas — respondeu Cecília.

— É verdade... Que encantadora que estás! É a primeira vez que minuciosamente te observo. Como merecias bem ser adorada. Como estontearás a cabeça dos homens.

Uma preciosidade perdida num solar deste recondita aldeia.

— Como se engana prima. Uma mulher vulgar. Quantas beldades superiores a mim. Como lhe deu para esses elogios? Não os mereço.

— Oh! se mereces!... São raras as mulheres que se conhecem a si próprias. É necessário que alguém lhes diga o que valem.

— Mas isso não nos pertence a nós.

— Tens razão. Só a eles, aos homens pertence o direito de nos admirarem e conquistarem, fazendo-nos felizes ou desgraçadas.

— Prima, deixemos a minha pessoa e diga-me: — Que conversou com meus pais?

— Muitas coisas e parece-me ter resolvido em parte as tuas pretensões. Estavam muito renitentes. Não era por mal, mas pela grande afeição que te dedicam. Gostariam ver-te casada aqui e a fruir o bem estar desta aldeia e da abundância fortuna que possuem, sem os precalços duma vida agitada e imprecisa. No entanto, reconhecem também o direito de gozares a vida e realizares os sonhos arquitetados, mas com a condição de resguardares a dignidade desta casa. Prometi contribuir com a minha ajuda na medida do possível. D. António sente-se revoltado por não desabafares com ele, pois julga-se no direito de ser ele o guia do teu futuro. Depois das exposições

que fiz conformou-se e consentiu em ir para Lisboa, mas um pouco contrariado.

— Contra vontade de meus pais não vou prima. Eu quero ouvir da sua própria boca a autorização formal, caso contrário não sairei. Isso contituiria para mim um grande aborrecimento pois levaria comigo a ideia fixa de se succedesse aqui em casa alguma coisa grave ter sido eu a culpada com a minha desobediência.

— Não digo que não tenhas razão, mas suponho estares a exagerar por uma questão de sentimentalismo. Sabes bem que mesmo ouvindo dos seus próprios lábios essa autorização, do íntimo não corresponde á realidade do que pensam e sentem.

— Pois, sim, mas pelo menos amanhã não ficam com o direito de criticar o meu procedimento em qualquer sentido.

— Em qualquer sentido não Cecília. Sejamos moderados e analizemos com senso as tuas decisões — disse Natália um pouco agastada. — Teus pais por uma questão de amizade custa-lhes verem-te ir para Lisboa, por outro lado sentem satisfação nisso. Parece contraditório o raciocínio mas não é, bem o sabes.

— Mas a prima tem a certeza de que meus pais não me mandarão regressar alguns dias passados, minados pela saúde e libertos da sua influência?

— Suponho que não. Isso seria uma desconsideração inadmissível.

Os dias vão passando, a saudade aumenta e é natural manifestarem desta vez o desejo duma pequena ausência, mas mais tarde voltarão e eles habituar-se-hão á ideia de precisares de distração.

— Tem a certeza de que será assim?

— Não me devo enganar.

— Suspeito que sim.

— Não sejas pessimista.

— O tempo lho dirá.

— Não falemos mais no assunto.

— Quando partiremos?

— Vou resolver. Espero a resposta de uma carta que escrevi para Lisboa e após isso marco o dia com antecedência bastante para fazeres os preparativos.

— Quantos?

— Oito dias pelo menos.

Chegam para fazer as malas. — referiu Cecília num sorriso de ironia.

Neste entretanto D. Natercia debruçou-se da janela e chamou pelas duas para virem almoçar.

Ergueram-se e muito pausadamente subiram es escadarias de pedra e cada uma dirigiu-se para o seu quarto a fazer a toilette.

(Continua no próximo número)

# Tribuna Desportiva

## Vitória justa do Sport. de Braga perante o Salgueiros

Assistimos no domingo passado ao jogo Salgueiros — Braga a contar para o Nacional da 1.ª divisão.

O recinto dava aspecto magnífico, dada a afluência de espectadores que acorreram em grande número.

Atendendo a que o jogo era decisivo tanto para os salgueiristas como para os bracarenses, foi disputado com certo nervosismo e entusiasmo de ambas as equipas.

Na primeira metade do jogo não funcionou o marcador embora o Salgueiros tivesse disfrutados de certas oportunidades que o seu antagonista anulou a verdade é que os sportinguistas também tiveram ocasiões flagrantes de marcar.

Recomeçada a segunda parte do jogo, os bracarenses entraram mais decididos e não tardou que marcassem 2 golos num espaço aproximado de 15 minutos, seguindo-se de novo a marcação de mais um golo, elevando a marca para 3 — 0 o que muito moralizou os bracarenses.

O salgueiros vendo-se com uma diferença de golos tão substancial, não virou cara á luta e carregou no acelerador, mas sem efeitos, pois a defesa visitante sempre bem ordenada, não consentiu que as redes de Freitas fossem violadas, apesar de consecutivos remates dos avançados locais. Só perto do final conseguiram marcar dois golos reduzindo a diferença para 3 — 2.

O jogo decorreu em ambien-

te mais ou menos de nervosismo e os jogadores de Braga, foram por vezes agredidos, sem que o juiz da partida punisse como devia.

Num dos casos um jogador avançado salgueirista atirou com terra aos olhos do defesa bracarense Narciso, este espontaneamente reclamou junto do árbitro e não foi atendido, numa reclamação justa e pouca digna de desportistas que representam Clubes com tradições como o Salgueiros.

Ainda outro facto de assinalar, a agressão com uma pedra atirada da assistência e que atingiu a cabeça do defesa Sezabo, tendo nele sido assistido no balneário, regressando ao recinto do jogo com um grande penso sobre a cabeça.

Atitudes como estas, quer da parte dos jogadores, quer da parte do Público, repudiamos inêrgicamente visto elas não dignificarem ninguém, especialmente os clubes representados.

O árbitro não puniu várias entradas com certa violência e alongou cerca de 5 minutos o segundo tempo, o que podemos considerar muito deficiente o seu trabalho.

Esta vitória moralizou a equipa da capital do Minho e possibilitou-a de fugir a descida de divisão.

No entanto é preciso que na próxima e última jornada, os resultados sejam aqueles que logicamente prevemos.

B. Fernandes

# BONS DIAS MINHO!

Trago-lhes notícias do nosso amigo Minho, que há horas deixei, todo entregue à verde faina dos seus milharaís dos seus vinhedos em flor, à toada dos seus açudes e àquela graça de bailar o vira com o sol nas eiras e nos adros.

Já há tempos o não via e achei-o na mesma, só talvez, este ano, mais ancho na costuras das suas encostas, em que as abelhas zumbem, mais roliços os braços das vides, mais claro o arfar das urzes e das ramadas, sob aquele fio de Primavera azul que agitava ao de leve as húmidas várzeas e a folhagem e aquele rodopio de luz que vinha, todo em ramagens, da transparência incomparável do céu.

Sentia-se que a terra, na doce germinar dos frutos, na úbere palpação das azinhas e das fontes, se estava a preparar para as tarefas rudes do Verão que não vai tardar e já as latadas, os sobreiros e os cômoros diziam os bons dias uns aos outros, felizes de voltarem a encontrar-se para as bodas das colheitas, para os descantes das vindimas, para as romarias e as feiras que aí vêm e já se anunciam, de longe, no badalar dos sinos, no pulsar das searas, no rubor dos pomares que começam a pintar por entre as folhas.

Não há província portuguesa que tenha «bons dias» mais festivos e mais claros do que este Minho de arrecadas de ouro lenços garridos, de sombras onde cantam roseirais e melros. É um gosto ouvir, entre o zumbir das abelhas e o murmúrio dos pinheirais, aquela voz da música dos campos e do borbulhar dos ribeiros, o cântico das suas manhãs de festa — ou as «boas tardes lhe dê Deus!» dos seus claros poentes, quando as Avé-Marias descem dos cam-

panários dos outeiros.

Lá vi sair da igreja, florida como um presépio, dois baptizados, todos de rendas e opas. O Minho sem baptizados não é o Minho. De uma casa próxima misturava-se ao cheiro acre da caruma queimada um gosto alegre e tostado a broa e a lareira. Limpam-se já as dornas; arejam-se os lagares. Adivinham-se as procissões e as esfolhadas que hão-de vir, os arraiais, os coretos e os foguetes.

Debruçado a uma janela de cravos e manjericos, o «Sr. Prior», rosado, escutava o guizalhar de um rebanho que subia da estrada e fazia parte da sonoridade daquele entardecer de jardins e de silvados onde já luziam as primeiras amoras. Um tapete de giestas e de papoilas secava ao sol.

Nenhuma Província em Portugal tem aquele ar de romaria, aquele sorriso fresco, aquele rosto barbeado, aqueles lenços de cores, aqueles cordões dourados e aquelas tranças festivas de sebes e de pinhais que o Minho nos oferece cantando ao desafio com a paisagem. O brônzeo Alentejo dos sobreiros e olivais é dramático. As suas planícies benditas têm no próprio verde profundo das suas cores e das suas pœiras o cinzento e o sonoro mistério da distância. O feiticeiro e maravilhoso Algarve tem, de vez em quando, entre os seus sortilégios de ouro, o humor desigual das suas costas marítimas e aquele mouro segredo que ele não confessa nunca.

O Minho é tagarela e bailador. O Minho não é baú de ninguém, nem de si próprio. Tem o coração ao pé da boca e aqueles lábios de cereja, aqueles cabelos soltos das vides, aquele ar prazenteiro de foliar, de horta e de capela,

que são a sua oferta e o seu noivado.

\* \* \*

Deus me perdoe, mas naquele tranquilo idílio de algumas horas com a canção mi-nhota pude esquecer todos os KK do Mundo que tomaram conta disto. Pude esquecer aquela secura de alma, as lutas, as misérias que andam à solta no Planeta. Pude esquecer, por momentos, ameaças, dores, pesadelos.

Pude desviar os olhos de ti, paisagem triste que ensombras a Terra. Pude esquecer todas as folhas mortas e revoltas que a tempestade sacode e arrasta pelos caminhos sem fim do Destino. Pude esquecer-me até de mim. E aqui me quero penitenciar destes pecados.

Mas a Vida é assim e Deus assim a fez. A Morte e a Vida andam juntas. De vez em quando separam-se. Mas é por pouco tempo. Logo se enlaçam e se confundem na sua eterna marcha do Destino. A Natureza é uma lição de trágica indiferença. Senhor!, ainda há prados em flor, ainda há bicas de água que cantam, ainda há frutos que amarelecem, ainda há estradas e outeiros onde o sol faz a sua dança de roda.

Ainda há ninhos, ainda há doces manhãs no Mundo! Daqui, meus enfeitados campos minhotos, vos envio agradecimentos por esse chilrear de Primavera que ainda conserva no coração e de que me fizeste, ao passar, a dádiva de um breve e generoso quinhão.

«A minha, ao fazer desta...». Mas para quê, entristecer com vãos cuidados esse espairecer de luz que te inunda os olhos verdes? Para quê? Não se atrasa o Mundo, nem se adianta. Bons dias, Minho! Bons dias, Sol — enquanto o há!

## PERGAMINHOS DE CASTRO

Por D. S.

Memorial de Montebelo

LVI

— O gran Señora, a quien paga tributo,  
Desde la grande America argentea,  
Y la incognita Austral, donde a pié enxuto  
Nereo en campos de chrystal passea,  
A las que Phæton vistió de luto,  
Y todo lo que el re más rodea  
Las humildes vassallas del Celando  
Escucha aquí, que temor está turbando.

LVII

En nuestra patria fuimos estimadas.  
De Herois, y semidioses aldeanos;  
De Lares, y Penates deseadas,  
Agrestes Phaunos, Satiros, Silvanos;  
Oy de todos nos viemos desperciadas,  
Indigna grosseira en Lusitanos;  
Que por dos Damas copia tanta  
Dexan que llora Duerdo, y Tajo canta.

LVIII

De aquel que de Leon fue Rey primero  
Con nombre de Ramiro, quarta, y quinta,  
Nietas son, y parar al gran luzero  
Hazen del Cielo sexto en la ancha cinta;  
Y Mercurio tambien, aquel logrero  
Vemos baxar mil vezes a su quinta,  
Venimos porque nó hagan nuevas bodas,  
A dar te conta, y a quejar nos todas.

LIX

En esto se despiden, y la Diosa  
Ayres con grande prissa llama luego  
La que dispues del agoa procelosa  
Las colores hurtó del vario fuego;  
Bien sabes yá, le dize, quan quexosa,  
Tu, gran Señora Juno, y sin sossego,  
Su marido le tiene, y assi es justo,  
Evitable, ocassion de más disgusto.

LX

Nó es de Asterie, Eginia, ni de Antiopia,  
Mnemosina, Caslysto y Alcumena,  
Deolinda ni só, leda Europa,  
Ni es Ganimedes de su copa,  
De otra nueba aficion otra cadena,  
De eslavones mas fuertes que lo han sido  
Estos de que le tiene sentido.

LXI

Al fin cuenta le todo, y se destierra  
La hija deste monte, y deste buelo  
Que un punto mira el orbe de la tierra,  
Y qual rayo camina el ancho cielo;  
Toqua en el alma a Juno, y ella a quierra,  
Ciega baxa a saber lo que ay en el suelo,  
Que al magico Teresias preguntava  
Si por que jusgo bien nó le cegara.

(CONTINUA)